

Criou-se um manual de higiene, o qual se tornou um texto de estudo. Assim, sucessivamente em todas as instâncias educacionais se trabalhou com o princípio de ensinar o outro, adequando-o, disciplinando-o pois um povo amigo da limpeza logo o será da ordem e da disciplina (p. 216).

No final do século XIX a água ganhou uma legitimidade científica que nunca mais foi ultrapassada e o banho adquiriu um espaço que é totalmente privatizado.

Como se pode ver, o banho tem duas características básicas no decorrer dos tempos: prazer e higiene. Como afirma Vigarello, estes dois caracteres parecem não poder caminhar juntos, ou é isto ou é aquilo. Na Idade Média, quando se banhava, significava tempo do ócio, da preguiça. Contrariamente, no século XVIII, a ciência legitimava a limpeza do corpo por meio do banho, moralizando-o.

Desse modo, com o banho fazendo parte da ciência que não falta à verdade (p. 253), deve ser transformado o costume de quem quer que seja, pois a limpeza não é só um instrumento da saúde, mas também um instrumento da moral.

A história do banho mostra que o que está em jogo é a intimidade das pessoas com o corpo. Assim, mesmo depois de aceito como prática social, ele sempre foi pensado com cuidados. No início era coletivo, posteriormente foi se individualizando para todas as classes sociais, mas com restrições.

Assim, como podemos perceber, há várias maneiras e entendimentos sobre o banho. No entanto, é interessante frisar que enquanto ele era visto como ilegal, transgressor, era considerado como uma prática principalmente das mulheres.

Somente quando se pensa na alteração dos hábitos das pessoas, é que se modifica o espaço público para atingir a todos, principalmente os pobres e aí o banho deixa de ser transgressor para ser da "ordem".

Desse modo, vejo esta obra como sendo bastante pertinente, pois vem revelar práticas cotidianas sobre o tema, trazendo à tona significados morais, sociais e políticos, ao abordar a questão da higienização do espaço

público pelo Estado, a fim de atingir as classes sociais mais pobres.

Portanto, esta obra é uma referência bibliográfica interessante para as diferentes áreas do conhecimento e seus estudos referentes ao espaço público e privado, que no caso desse livro, tem como tema o banho com as categorias: disciplina e transgressão.

CRIANÇAS COMO VOCÊ: UMA EMOCIONANTE CELEBRAÇÃO DA INFÂNCIA NO MUNDO

Maurício Roberto da Silva*

KINDERSLEY, Barnabas e Anabel. *Crianças como você: Uma emocionante celebração da infância no mundo*. São Paulo: Ática/UNICEF, 1996,79 pp.

O livro em apreço, de autoria dos fotógrafos Barnabas e Anabel Kindersley, é patrocinado pelo UNICEF. Traduzido por Mário Vilela Filho do original *Children Just Like Me*, sugere já no título emoção e aventura, ao mesmo tempo em que é instigante, intrigante e provocativo.

A palavra criança escrita com letras maiúsculas sugere destaque, uma dignidade para os sujeitos infantes, supostos participantes da aventura literário-imagética.

O design possui uma aura de rara beleza visual e estética, simulando através das cores, uma verdadeira aquarela da infância mundial, ao mesmo tempo que permite repouso, relaxamento e o aflorar de sentimentos e emoções. As fotografias retratam crianças oriundas dos mais longínquos rincões do "Ártico à linha do Equador, da América do Sul ao Sudeste". A capa possui uma força simbólica e mágica centrada na alegria, no bem estar social, no lúdico, num verdadeiro reino do faz-de-conta, da fantasia e da felicidade ...

Esta publicação tem como principal teor de mensagem imediata o apelo emocional através

* Professor da UFSC e Doutorando da FE-Unicamp

das imagens de crianças saudáveis, bem vestidas e sorridentes no limiar do século XX, encantado, sem conflitos e sem miséria. Os autores optaram, predominantemente, pela linguagem visual de efeito afetivo e carregada de metáforas de uma infância ideal e idílica em detrimento do uso excessivo da palavra. Os textos são curtos e de compreensão imediata, evocando por um lado as representações do mundo infantil: sonhos, medos, esperanças e fantasias e, por outro, descrições de lugares, acontecimentos e situações experimentadas pelas crianças.

O objetivo do livro está implícito no próprio título que carrega em seu bojo as visões de criança, mundo e sociedade. A opção pela celebração da infância revela afinidades com projetos políticos que festejam, fomentam e aprisionam as crianças no reino da necessidade e da opressão.

O prefácio é assinado pelo representante do UNICEF no Brasil, Sr. Agop Kayayan. O fulcro de seus comentários consiste nos seguintes aspectos: a apresentação didática e alegre do cotidiano das crianças, a filosofia do UNICEF na intenção de "empreender esforços para lapidar uma atitude e um comportamento favoráveis em relação à infância e à adolescência e ainda na ênfase dos direitos das crianças". O Sr. Kayayan justifica a opção pela indiazinha Celina para representar o Brasil: "(...) A escolha de uma criança indígena não pretende representar as crianças brasileiras como um todo, mas sim para chamar a atenção do público brasileiro sobre a imensa diversidade cultural e os inúmeros contrastes existentes no Brasil".

Segundo ele, o UNICEF tem como propositura considerar essa rica diversidade através de "atitudes de respeito e valorização das diferenças raciais e étnicas", e conclui convidando os leitores para uma "leitura gratificante que deverá fazer vibrar as sensibilidades".

Na apresentação, os autores afirmam que "no mundo inteiro as crianças estão ocupadas com as mesmas coisas, que adoram esconde-esconde e os jogos de bola, e gostam de ir à escola". Em seguida, convidam os leitores para

"descobrir o cotidiano, as esperanças, os medos e os sonhos dessas crianças, que têm muito em comum umas com as outras."

Ensejando ser didático para crianças, o livro é informalmente dividido em episódios relativo aos continentes, e não em capítulos, para em seguida apresentar o Diário de Viagem acompanhado de um índice remissivo e os agradecimentos às crianças envolvidas na produção do livro e às instituições colaboradoras. Cada episódio é apresentado consistindo no conteúdo, a saber: o cotidiano das crianças, a família, as manifestações lúdicas (danças, crenças), utensílios domésticos, a geografia, a fauna, a flora, a moradia, a alimentação, o transporte, a escola e o trabalho meramente familiar. Tais descrições são completadas com os depoimentos das crianças, cujas falas soam um eco vago sem ressonância, e artificialmente coladas às fotografias, ao álbum de recordações de um tempo futuro...

No decorrer das narrativas imagéticas, celebra-se o trabalho de natureza apenas familiar fazendo vistas grossas aos 250 milhões de crianças exploradas pelo trabalho precoce, escravo e alienante no campo e nas cidades, em todo o mundo. Mostra as imagens dos pais dessas crianças mas, sequer levantam a lebre sobre os 800 milhões de adultos desempregados ou desempenhando tarefas precarizadas.

Anabel e Barnabas optaram por fotografar o mito da infância feliz que termina por camuflar o reino da necessidade, ressaltando um pseudo-reino da liberdade, consequentemente, mascarando a imagem da criança como sujeito das relações sociais e de produção.

Trata-se de um simulacro de infância cuja concepção de criança é baseada na idéia desta criança como ícone de uma tábua rasa ou de uma folha de papel em branco. Portanto, o livro cumpre sua função ideológica, mistificando a imagem da infância, vinculando-a de modo festivo e subreptício a uma sociedade harmônica, sem conflitos e pacífica.

Acredito que publicações dessa perspectiva emergem para reforçar e atender às necessidades e interesses das instâncias de poder e dominação. Felizmente, existem no

Brasil, dois livros muito mais didáticos para crianças e que abordam as questões vivenciais da realidade da criança pobre, trabalhadora e explorada. Tais produções se contrapõem diametralmente ao livro ora em análise, nomeadamente *Serafina e a criança que trabalha* e *Crianças de Fibra*, ambos de Iô Azevedo e Iolanda Huzak.

Em meio à valorização da imagem piegas e travestida da infância, considero de bom tom perguntar por que os autores, ensimesmados em suas próprias aventuras e interesses mercadológicos, ocultaram a concretude político-econômica e social dessas crianças? Por que emprestaram ao cotidiano os matizes apenas da diversidade cultural e étnica, escamoteando assim as diferenças entre as classes sociais? De que infância falam eles? Quicá referem-se às crianças que trabalham em regime escravo nas fábricas-dormitório em Hong-Kong, onde se fabricam brinquedos para o fetiche dos mercados globalizados. Talvez façam menção à infância que vive como bicho do lixo das classes dominantes e tratada como gente na legislação e nas políticas ditas de proteção e assistência apenas no papel?

Bamabas e Anabel, no ímpeto pelo exótico e pelo inusitado, esqueceram-se das crianças que, já a partir da mais tenra idade, são violentadas sexualmente para incrementar a tara da indústria capitalista do sexo-turismo, principalmente no Sudeste Asiático e na América Latina. Esqueceram-se das crianças que brincam de cabra-cega sob a mira do revolver dos traficantes de drogas. Quem sabe não viajaram pelos campos de refugiados, onde se pode fotografar crianças com o riso emblemático de uma infância nunca vivida? Talvez, no ímpeto pela "celebração da infância", nos lugares exóticos visitados, tenham esquecido de captar as imagens de bebês e avós que morreram de infecção hospitalar, da família desestruturada e do corpo tatuado pelos signos de uma história marcada pela escravidão e a dominação.

A palavra celebração indica etimologicamente comemorar, festejar, exaltar, patrocinar.

Nesta linha de reflexão, considero tendencioso e perigoso, além de uma forma de violência simbólica, a atitude de forjar o real. Vendo a questão por dois ângulos seria deplorável tanto forjar o real para vender a imagem exagerada e apelativa da miséria quanto o ocultamento da realidade, como fizeram os autores com suas câmeras. É claro que o real deixa de ser real, na medida em que a imagem é uma representação recriada e falseada a partir do olhar do fotógrafo. Neste sentido, justifica-se o artifício ideológico de captação da imagem homogeneizante da criança, retratada sob a égide de uma infância universal, desarticulada dos reais contextos sociais e de classe. A generalização provoca processos de banalização e naturalização dos fenômenos sociais, nomeadamente da infância.

A fotografia é compreendida durante todo o livro como um mero signo do real, e não como um constructo objetivo-subjetivo que implica em intencionalidades e visões de mundo.

Por conseguinte, deixa margem para que cada fotógrafo forje desejos, sorrisos, olhares, alegrias, tristezas, vida e morte. Assim é que este livro privilegia a beleza e a banalização da dignidade infantil. A forma e o conteúdo se articulam tanto na imagem e na palavra (depoimentos). As palavras das crianças estão impregnadas dos estereótipos das entrevistas formais e as imagens reproduzem os sorrisos e olhares dos autores.

Apesar do caráter mono lógico dos depoimentos, estes são reveladores de desejos, sonhos, palavras verdadeiras, mentiras e fantasias. Em contrapartida, o conteúdo das imagens fabricadas provoca no leitor crítico um duplo sentimento, dotado de movimento contraditório: encantamento e indignação.

A retórica apelativa dos autores chega ao ponto de afirmar que "(...) as crianças do mundo inteiro estão ocupadas com as mesmas coisas. Elas adoram esconde-esconde e jogos de bola e gostam de ir à escola" (p. 6). Tal assertiva invoca o sentimento de que todas as crianças têm tempo para usufruir do prazer de jogar, da alegria da socialização com as outras crianças, da criatividade, da fantasia e da

liberdade, inerentes às vivências do próprio tempo de lazer.

Barnabas e Anabel esqueceram-se que o tempo das crianças das classes populares é cada vez mais apropriado e explorado pela fúria da exploração das pequenas e grandes empresas nacionais e transnacionais, ou ainda pelo trabalho doméstico.

É óbvio e ululante que a maioria das crianças adora as brincadeiras de esconde-esconde, pois brincar é uma maneira de ser no mundo e de fazê-lo virar de "pernas pro ar". É o modo pelo qual constróem cultura e história, subvertendo assim a ordem estabelecida. É típico de uma infância digna o propiciamento de tempo-espaço para o desenvolvimento do fazer lúdico, cuja essência é ousar, criar, correr riscos, gozar os prazeres e suportar as dores e as tensões inerentes à própria dimensão lúdica, à esfera do jogo. O que está em jogo aqui é a generalização que se faz de que todas as crianças jogam, quando se sabe que mesmo as crianças ricas estão também alienadas do lúdico, da construção da cultura, pois usam o tempo no consumo de atividades como: aulas de inglês, piano, yoga, ballet, natação, informática e outras.

"As crianças gostam de ir à escola", afirmam Anabel e Barnabas. É possível! Porém a maioria das crianças das classes populares são evadidas da escola devido às precárias condições materiais desta, à péssima qualidade de ensino, aos salários de miséria dos professores, dos métodos ultrapassados, às grandes distâncias da escola e, boa parte delas, evade-se pelas condições de alto risco do trabalho precoce. Enquanto isso, as crianças filhas dos ricos têm direito às melhores escolas e se preparam para o futuro, para as novas tecnologias, para os altos postos de trabalho, para o novo século e para o novo milênio.

Outro ponto digno de destaque no livro é o patrocínio do UNICEF, conhecido como paladino na defesa dos direitos das crianças e também pelos pressupostos ingênuos e piegas de sua filosofia, impregnada pelo caráter de filantropização de grande parte de suas intervenções. O UNICEF é portador de alto

reconhecimento nacional e internacional, principalmente pelos programas e ações contra a exploração do trabalho infantil, mortalidade infantil, prostituição infantil, violência contra crianças e outras. Utiliza-se da bandeira da denúncia fazendo grande alarde dos dados estatísticos acerca dos maus-tratos da criança no mundo. Sua imagem ligada à Caritas pode ser exemplificada com o fomento e patrocínio de campanhas beneficentes do tipo Criança-Esperança da Rede Globo de Televisão. Estas concepções terminam por veicular a idéia da criança-coitadinha identificada com sentimentos de pena, compaixão e dó. Seu discurso é ardiloso e na questão da exploração do trabalho infantil, culpa os empresários sem, entretanto, nomear os culpados. Arvora-se do direito de não fazer críticas radicais ao modelo neoliberal, disfarçando assim, suas afinidades com os conluíus, pactos e planos de ajuste estrutural do FMI, Banco Mundial e outras instâncias do poder capitalista mundial.

Acredo que os maiores problemas e limites do UNICEF são a sua falta de critérios para apoiar projetos espúrios em defesa da criança, o atrelamento a outras instâncias do poder capitalista, a banalização, a naturalização da imagem da criança pobre, carente e abandonada.

Pode-se dizer que sua função primordial é a manutenção do status-quo, apesar do discurso das campanhas pela eliminação da miséria e da fome.

Entre a denúncia e glamourização do UNICEF, Anabel e Barnabas preferiram optar pela segunda. Poderiam, neste caso, ter visitado nos países em questão os lugares que o próprio UNICEF apresenta no relatório intitulado *Situação Mundial da Infância 1992*. Por isso, a título de exemplo, sugiro que revisitem pelo menos dois dos países enunciados para retratarem com outros olhares as seguintes imagens:

1. Em Bangladesh, onde 62% da população é de desempregados, as crianças substituem os postos dos adultos, predominantemente na agricultura e no trabalho doméstico;

2. Na Tailândia, opera uma rede internacional e local de prostituição infantil no meio urbano e, no meio rural, as crianças são usadas como mão-de-obra barata nas plantações de cana-de-açúcar, seringueiras e outras instâncias do setor produtivo.

"A emocionante celebração da infância no mundo" assemelha-se aos matizes de *The United Collors of Benetton* e aos apelos emocionais da propaganda da *Parmalat*, que vendem a diversidade cultural e étnica, a infância feliz, através das cores. Na verdade, as imagens coloridas das crianças são inerentes à lógica capitalista do mercado que comercializa sonhos, desejos, sentimentos, seres humanos.

Existe então, na perspectiva deste livro, uma relação dialética entre a visibilidade e a banalização da imagem da infância, semelhante aos ditames da mídia e da publicidade. Este processo de alienação, entretanto, atinge as crianças em geral mas, sobretudo, as das classes excluídas da cidadania. Este artifício imagético e contraditório, de natureza ideológica e mercado lógico tem como pano de fundo o espetáculo, a festa. Seu sentido etimológico, segundo o Aurélio, advém do latim que significa "tudo o que chama a atenção, atrai e prende o olhar" ou ainda "que provoca escândalo", portanto dado à visibilidade. Tal visibilidade com base nos eventos espetaculares, falseia os olhares e opiniões no âmbito dos possíveis subtextos circunscritos no terreno do indizível, do oculto e do invisível. É por este motivo que leitores e espectadores têm das imagens e textos a sensação positiva de atenção, zelo, assistência e preocupações com a problemática da infância. Deste modo transparece que a criança está em alta no momento em que está em baixa, no que se refere aos seus reais direitos e necessidades.

A ilusão da atenção, inerente à repetitiva e sensacionalista exposição da imagem infantil, induz aos sentimentos de naturalização, generalização e homogeneização. Neste sentido, a visibilidade, ao gerar processos de banalização, termina por lançar uma cortina de fumaça sobre as especificidades da infância pobre, explorada

e desassistida. Tais mecanismos banalizadores têm como função o controle que, conseqüentemente, gera a adaptação, o aprisionamento e a alienação dos olhares. E o poeta Walt Whitman tem plena razão ao dizer: "(C..) faltando um, faltam ambos e o visível é prova do invisível, até que se torne invisível e, por sua vez, seja aprovado."

Como se não bastasse fotografar o exótico e o inusitado, Anabel e Barnabas limpam os cenários, tornando a realidade visitada, o espaço, a família e a criança, assépticos.

O diário de viagem possui um sabor de aventura amazônica, principalmente no que diz respeito à visão romântica e estereo-típada do índio brasileiro, representado pela indiazinha Celina, cuja finalidade é chamar à atenção apenas para a diversidade cultural e étnica. Tal diversidade folclorizada centra o seu focus nos curumins, escravizados pela ideologia da catequese em 1500 e cuja imagem era de uma folha de papel em branco, portanto mais propensos à domesticação. As crianças negras e mestiças foram deixadas de lado, justamente elas que juntamente com as indígenas, vivem na corda bamba da humilhação entre o risco, a indigência e a escravidão. Neste caldeirão cultural, as crianças brasileiras das classes pobres e desassistidas pelo Estado são a mancha indelével da história de negligência e de ferimento aos direitos humanos.

A região dos Tembé é uma região de disputas pela terra. Neste caso, um dos maiores constrangimentos deste livro didático, a meu ver, é um forte apego às narrativas da história oficial ao camuflar, através de cosméticos, os 500 anos de dizimação de um povo. Anabel e Barnabas preferiram clicar suas câmeras na direção do exótico, do folclórico e do misterioso, coletando imagens de trajes típicos, comidas estranhas, piranhas, rios, urucum, mandioca, flechas. Desta maneira, os curumins e crianças do mundo inteiro podem anunciar para o mercado das agências de viagem, as melhores trilhas para a vivência dos turismo ecológicos.

O caráter de superprodução da aventura pelos lugarejos, aqui e alhures, visível no

privilegiamento das tabas, iquapés, montanhas e planícies, pode ser constatado nos 110 Kg de equipamentos, câmeras com tripé, telas, holofotes, etc... Muitas das fotos foram realizadas em ambientes de estúdio numa prova do total distanciamento e estranhamento dos fotógrafos na realidade explorada. A relação sujeito-objeto privilegiou a inserção de sujeitos não-falantes, passivos e contemplativos, e o objeto como artificialmente construído e idealizado.

A intersubjetividade privilegiou as imagens e as palavras de sujeitos ocultos, portanto, não manifestos e que carecem de um maior respeito e cumplicidade.

O exotismo evocado através das imagens da índiazinha Celina, desrespeita não só a nação dos Tembés, mas todos os outros povos cujas crianças pousaram sob a mira do guardião dos rebanhos infantis nacionais e internacionais: o UNICEF.

É possível que os olhares, comentários e argumentos, por mim aqui evocados, traduzam apenas meu ponto de vista acadêmico e crítico. Entretanto, o meu olhar não é o único e nem o

verdadeiro, mas sim aquele que procurou emprestar ao livro uma outra dignidade e estética à infância, aqui compreendida como apenas ingênua, feliz e franca. Minhas críticas são apenas um possível recorte, na tentativa de uma releitura, resignificação e contextualização da criança ligada não só aos contextos culturais e étnicos mais amplos, mas, também, aos políticos, econômicos e éticos. Devo, entretanto, ressaltar que o livro possui positivamente efeitos visuais, emocionais e imagéticos capazes de provocar o êxtase nas lentes dos diferentes e subjetivos olhares fotográficos. É um livro que deve ser recomendado para ser lido, acompanhado de reflexões críticas capazes de entender as retóricas da alegria, da felicidade, do sonho, da liberdade e da esperança, também como possibilidades concretas e utópicas na construção de uma outra "celebração da infância no mundo".

Por enquanto vou ficando carente de infância, no reino da necessidade no qual a decantada in-fans não tem direito a fala. Vou atrás do esconde-esconde e da bola do mundo da liberdade.